

UMA VIDA INTEIRA PARA RECORDAR

Núria Pradas

TRADUÇÃO

Àlex Tarradellas e Rita Custódio



Para ti, Clàudia.
Graças a ti, muitas coisas foram possíveis.
Este romance é uma delas.

Ginger Rogers fez tudo o que Fred Astaire fez.
Para trás... e com saltos altos.

BOB THAVES

Abril de 1932
Setembro de 1934

Perseguindo um sonho

Quem quiser dedicar centenas de horas e milhares de desenhos a fazer alguns filmes é bem-vindo ao clube.

WINSOR MCCAY

Capítulo 1

Os esquecidos

A paisagem desfilava veloz diante dos olhos de Sophie, que a via passar com a cabeça apoiada na janela do comboio.

Dentro do vagão, o ar pairava, com preguiça, morno e húmido.

Fechou os olhos e deixou-se acariciar pelo sol que entrava sem pressa através do vidro. De imediato, um sem-fim de imagens fervilhou no seu cérebro. Imagens daquele futuro tão desejado que tinha construído nos seus sonhos noite após noite, durante meses, e que pouco a pouco se tinha convertido numa obsessão na qual todos os seus pensamentos estancavam.

Sabia que, para atingir o seu objetivo, devia renunciar a muitas coisas. Estava disposta a abandonar a segurança do lar familiar, dos amigos e, definitivamente, a segurança da cidade conhecida e amada. O berço das suas recordações.

Como é óbvio, tinha duvidado e sentido medo. Claro que a incerteza a tinha mantido acordada muitas noites. Mas conseguiu enfrentar as dúvidas e exorcizar a incerteza e os temores. E, então, um céu diáfano abriu-se perante ela e teve a certeza de que era aquilo que queria. Acima de tudo e a todo o custo. Estava disposta a fazer qualquer sacrifício, até aquele, o primeiro, a longa viagem de Nova Iorque à costa oeste. É que, para chegar a Los Angeles, era preciso passar três longos dias, com as intermináveis noites, num comboio barulhento e quente, conduzido por uma locomotiva a vapor que empoeirava tudo. Porém,

Sophie não esperava que as semanas prévias à sua partida fossem tão duras. E, embora a distância que marcava o ritmo constante do comboio desintegrasse as recordações e as deixasse para trás, tudo o que tinha vivido, sobretudo nas últimas horas, voltava à sua mente e mergulhava-a numa sensação de vazio que se afundava no seu peito como um ferrão afiado.

«Estes tempos infelizes exigem a construção de planos que pensem nos esquecidos, nos desorganizados, unidades indispensáveis do poder económico; planos como os de 1917, que se constroem de baixo para cima e não de cima para baixo, que depositam a sua fé no homem esquecido, na parte inferior da pirâmide económica...»

Naquela tarde de 7 de abril de 1932, desde Albany, Nova Iorque, o governador do estado e candidato à presidência dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, difundia através das ondas sonoras uma mensagem à nação. O candidato, ao contrário do atual presidente Hoover, prometia enfrentar os desafios da gravíssima crise que afetava todos os sectores económicos do país proporcionando soluções que remediasses a trágica situação das camadas sociais mais desfavorecidas, as que estavam a sofrer mais na sua própria pele o *crash* económico.

O casal Simmons, fiel aos seus hábitos inalteráveis, estava sentado – como em todas as tardes à mesma hora – na sala de estar da sua casa enquanto esperava a chegada das filhas para jantarem em família. Também como todas as tardes, Joseph Simmons ocupava a poltrona situada em frente da lareira, enquanto lia o *The New York Times* com o sussurro do rádio de fundo, ao mesmo tempo que a sua esposa, Vera, estava sentada no sofá de três lugares colocado de costas para a galeria, com as agulhas de tricô nas mãos.

Os Simmons e as suas duas filhas, Elionor e Sophie, viviam na 74th Street, quase na esquina com a Amsterdam Avenue, em pleno Upper West Side. O edifício fazia parte de uma fileira de casas, uma típica *townhouse* de pedra castanha, uma construção predominante no bairro e que, como outros edifícios desse estilo tão comum nos bairros

históricos de Nova Iorque, fora erguida nas primeiras décadas do século xx para alojar uma classe média em crescimento.

A casa dos Simmons, em concreto, era uma agradável moradia de estilo anglo-italiano. Tal como nas casas vizinhas, chegava-se à porta de entrada por uma escada com corrimão de ferro forjado. Por baixo da entrada principal ficava o acesso a uma cave inglesa. No primeiro andar, onde se abriam grandes janelas arqueadas, havia um espaçoso *hall* a partir do qual começava a escada que conduzia aos andares superiores. Dos dois lados da escada havia duas salas, onde, até há dois anos e meio, Joseph Simmons, um médico muito conhecido e solicitado entre a vizinhança, tinha o escritório e o consultório.

Sem dúvida, a joia da casa era a galeria de ferro forjado que adornava a grande sala do primeiro andar. Era na sala da galeria, tal como sempre lhe tinham chamado os Simmons, que a família passava mais tempo. Ali estava a lareira, o rádio, os confortáveis sofás e cadeirões e os fofos tapetes onde durante anos se tinham sentado para ler, conversar, receber visitas e celebrar os dias especiais. Aquele espaço luminoso era o cenário da vida familiar e social dos Simmons, que, até há bem pouco tempo, fora plena e muito brilhante.

Mas tudo tinha mudado depois de aquela Quinta-Feira Negra de infausta memória, a 29 de outubro de 1929, ter transformado a vida de milhares e milhares de americanos.

Apenas uma semana após o *crash*, a Bolsa tinha perdido os lucros de um ano inteiro. Umhas perdas que rondavam os dezoito biliões de dólares e que nem a intervenção da banca ou dos gigantes financeiros como os Rockefeller nem o ânimo que o presidente Hoover tentava dar à população tinham conseguido deter.

Depois da primeira vaga de suicídios de investidores que tinham perdido autênticas fortunas em poucas horas, seguiu-se a falta de créditos. Os credores que tinham visto como os seus investimentos se volatilizavam não conseguiam pagar os empréstimos e os bancos não podiam cobrar. As reservas bancárias diminuíram e isso repercutiu-se nas pessoas menos poupadas e nas empresas mais fracas, que começaram a fechar em cadeia.

Após o *crash* da Bolsa, o doutor Simmons tinha perdido não só as poupanças de toda uma vida, mas também grande parte dos seus pacientes, que agora recorriam a ele apenas em caso de necessidade extrema. A sua atividade profissional reduzia-se agora a dar consultas esporádicas ao domicílio e, por esse motivo, tinha sido obrigado a fechar o seu consultório, que só lhe trazia despesas. A partir de então, o mundo de Vera Simmons, antes tão pleno e deslumbrante, ficou de repente coberto por uma luz amortecida que impregnava a sua vida de incerteza. E talvez tenha sido por isso que se refugiou por trás de um sólido muro de indiferença. Treinava todos os dias a arte de fingir que continuava tudo igual e poucas vezes se expressava com palavras de amargura. Tinha-se tornado forte naquela sala e fazia os possíveis para mantê-la inalterável, inacessível à decadência anunciada. Na verdade, ali nada tinha mudado. No peitoril da galeria, os vasos com azáleas, peónias e, claro, rosas novaiorquinas perfumavam a sala tal como sempre tinham feito. Como nos melhores tempos. E as cortinas de renda peneiravam a luz e distanciavam Vera daquele mundo convulso que não entendia.

Joseph tinha dobrado o jornal, que repousava agora no seu colo, e prestava toda a sua atenção ao que o governador do estado dizia:

«Há pessoas que sugerem que uma despesa enorme de fundos públicos por parte do governo federal e dos governos estatais e locais poderia resolver completamente o problema do desemprego. Mas é evidente que, embora pudéssemos angariar milhares de milhões de dólares e investi-los em obras públicas, não poderíamos dar emprego aos entre sete e dez milhões de cidadãos que hoje não o têm...»

E então chegou Sophie. Parecia que o resplendor do sol que passava através das cortinas brancas da galeria vinha recebê-la. Toda a sala ficou mergulhada numa luz rosada como as suas faces. Os seus olhos brilhavam.

Joseph desligou o rádio.

Sophie estava prestes a terminar os seus estudos na Washington Irving High School. Especializara-se em desenho; tinha alma de artista. Demonstrara-o desde pequena e na Washington Irving destacara-se pelo seu talento como desenhadora. Este facto enchia Joseph de orgulho, que desfrutava de tudo o que a filha fazia; era o seu principal admirador. Pelo contrário, deixava Vera perturbada.

Vera era uma mulher que precisava de entender as coisas: porque é que aconteciam, de onde vinham, para onde conduziam... Se as pudesse prever, melhor ainda. Para ela era totalmente lógico e compreensível que a filha mais velha, Elionor, fosse enfermeira e trabalhasse num hospital. Era para isso que a tinham educado: para que tivesse um trabalho sério, útil e prático com que ganhar a vida e garantir o seu futuro. O que podia ser mais lógico, mais previsível, mais sensato do que o facto de que a filha de um médico fosse enfermeira?

Por sua vez, pensava, no caso da mais nova, de Sophie, será que toda aquela inquietação por encher papéis com bonecos, passar as tardes inteiras no jardim zoológico a observar os animais e a desenhá-los não era uma autêntica perda de tempo? Sabia bem que o marido tinha grande parte da culpa, já que sempre estimulava as fantasias da rapariga. Sophie era, de longe, a preferida de Joseph, a menina dos seus olhos, e aquela obsessão artística com que tanto se angustiava deixava Joseph fascinado e maravilhado.

Neste sentido, e distribuindo responsabilidades, Vera também culpava os professores da escola secundária pelas preferências de Sophie porque, segundo ela, tinham incentivado essa estranha vocação da filha. Havia um em especial, Bob Waldman, que, segundo Vera, tinha tido uma grande influência em Sophie e contribuído de maneira decisiva para lhe encher a cabeça de sonhos. Foi, em parte, graças ao professor Waldman que a sua menina tinha optado por essa especialização em arte, algo que lhe era incompreensível.

Porém, nesse momento Sophie parecia estar totalmente alheia às reflexões que enchiam a cabeça da mãe e a todas aquelas perguntas que fazia a si própria e para as quais não encontrava respostas. E naquela

tarde em que as ruas pareciam estar a fervilhar de sonhos e sorrisos primaveris, Sophie escondia uma bomba prestes a explodir.

– Vou para Los Angeles.

Sophie lançou aquela frase de repente, sem cumprimentar nem beijar os pais, nem sequer tirar o chapéu.

Sim, disse-o, e de seguida sentiu que tinha tirado um grande peso de cima e respirou aliviada. No entanto, as suas palavras ficaram a flutuar no ar, como que perdidas, e mergulharam tudo num grande silêncio. Vera, que fazia tricô concentrada nos seus pensamentos, levantou os olhos da sua tarefa e ficou a fitá-la tão intensamente que a rapariga se sentiu obrigada a desviar o olhar. De repente, a mulher deixou o tricô em cima do sofá. Alguns pontos escaparam-se. Aquilo era inaudito e não augurava nada de bom.

– Podes repetir o que acabas de dizer? – conseguiu perguntar Vera.

Joseph observava a filha com um olhar curioso e um pouco inquieto.

– Eu disse que quero ir para Los Angeles – repetiu Sophie com um fio de voz frágil como o vidro. Contudo, de seguida pareceu recuperar a compostura e acrescentou, a sorrir entusiasmada: – Consegui uma bolsa para o Chouinard Art Institute! Começo em setembro.

Fez uma pausa e ficou a olhar fixamente para os pais, a tentar captar as suas reações. Joseph tinha os olhos a brilhar. Os de Vera, pelo contrário, continuavam friamente cravados nela.

Como nenhum dos dois dizia nada, Sophie achou que era oportuno dar mais alguns detalhes:

– Candidatei-me há uns meses. O professor Waldman incentivou-me a fazê-lo. O Chouinard é a escola de arte mais prestigiada...

– Mas o que estás para aí a dizer, Sophie? De que é que estás a falar? – interrompeu-a Vera com os lábios contraídos num trejeito de decepção.

– Mãe, é uma grande oportunidade, o que é que não entende? O Chouinard Art Institute forma tanto profissionais de belas-artes como

artistas comerciais. Dar-me-á a formação necessária para poder trabalhar nuns estúdios de animação.

A sua voz falhou um pouco enquanto o olhar de Vera continuava cravado nela como um berbequim.

– É o meu sonho. Quero ser animadora.

– O teu sonho, dizes? Será que não pensaste na situação que vivemos nesta casa? – disse Vera, pronunciando cada sílaba com amargura. Tinha desviado os olhos para o marido, como se ele fosse o verdadeiro culpado pelo *crash* da Bolsa. Depois voltou a cravá-los em Sophie, e acrescentou com uma voz mais grave, mais de acordo com aquela dolorosa ferida que sentia no âmago da sua alma: – Por acaso esqueceste-te de que o teu pai teve de fechar o consultório?

– Vera... – tentou interrompê-la Joseph.

– Será que não te apercebes do esforço que a tua irmã faz para ajudar na economia da família? – continuou, sem ter em conta a súplica de Joseph. – Ou será que achas que o sonho dela é passar o dia todo num hospital na outra ponta da cidade?

Sophie tinha perdido até à última faísca de coragem. Ainda assim, fez das tripas coração para responder aos argumentos da mãe:

– Já sei que vou ter de trabalhar para me sustentar. Estou a contar com isso, mãe. Não pretendo ser um fardo para vocês. Tenho tudo previsto. Poupei dinheiro das aulas de desenho que dei este ano. É suficiente para o bilhete e para os primeiros dias. O professor Waldman escreveu-me uma carta de recomendação. Conhece um animador dos Disney Studios e acha...

– O professor Waldman? Sempre o professor Waldman! Porque é que ele não se mete na sua vida? – disse Vera levantando a voz, enquanto se mexia no sofá indignada e se dirigia ao marido, como se Sophie não estivesse presente. – Mas tu estás a ouvi-la, Joseph? Não pensas dizer nada?

– Acho que lhe devíamos prestar atenção, Vera.

– Olha, eu acho que já lhe prestei atenção suficiente. Tem dezassete anos, Joseph! E quer ir sozinha para Los Angeles. Sozinha! Nos tempos que correm. Mas tu não percebes? Não sabe como ganhar a vida. Só sabe

fazer desenhos num papel! E quer atravessar o país para ir trabalhar... nuns estúdios!

Vera calou-se e uma calma de vidro instalou-se na sala. Virou a cabeça e desviou os olhos para a janela, por onde entrava uma luz que, de repente, se tinha tornado ingrata.

– Sempre quis dedicar-me à animação. Para mim, os desenhos animados são magia. É uma arte, mãe. A mãe...

– Eu nada! Já chega de falar sobre este assunto.

Vera voltou a pegar nas agulhas. Bufou quando viu os pontos que tinham escapado. Sophie ficou a observar fixamente o pai, com um olhar mudo de socorro. Ele devolveu-lhe um gesto eloquente. Um gesto que pedia paciência, tempo e, também, serenidade.

Quando Elionor entrou na sala, ainda vestida com a farda do trabalho, deu de caras com aquele muro de silêncio espesso.

– O que se passa? – perguntou, intuindo que por trás do silêncio se escondia algo mais. Algo, pensou, que devia ter sido provocado pelas excentricidades da irmã, que tanto exasperavam a mãe. – O que fizeste agora? – perguntou a Sophie com uma voz áspera.

Vera levantou-se e guardou por fim, cuidadosamente, o bordado e anunciou:

– Jantamos dentro de um quarto de hora. Meninas, arranjem-se. Elionor, por favor, troca de roupa. Estás com um ar horrível.

Elionor conteve-se. Sabia que era inútil discutir com a mãe quando adotava aquele tom ofensivo. Também não julgava que fosse possível consegui-la fazer entender que não podia fazer grande coisa pelo seu aspeto após uma dura jornada laboral no hospital e de percorrer meia Nova Iorque de metro para voltar para casa entre toda aquela gente que cheirava a trabalho, a cansaço e, às vezes, a miséria.

Tirou com raiva o chapéu redondo, que deixou a descoberto os seus caracóis louros, e saiu da sala atrás de Vera.

Joseph aproximou-se de Sophie, que se tinha sentado num cadeirão com o olhar perdido nos desenhos geométricos do enorme tapete que

cobria o chão. Pegou nela pelo cotovelo e, com suavidade, fê-la levantar-se.

– Filha, depois de jantar podes explicar-me melhor como é essa bolsa?

Sophie sorriu e os seus olhos cinzentos voltaram a iluminar-se, cheios de esperança.

Foram mais de dois meses de ameaças contínuas, de mal-estar e de discussões. De silêncios lancinantes que caminhavam como sombras ao lado de Sophie quando entrava em casa.

À noite, quando se deitava na cama, exausta depois de ter mantido aquela contínua batalha com a mãe, as lágrimas transbordavam-lhe dos olhos sem que tentasse sequer controlá-las. Outras vezes, com os olhos secos, uma raiva vermelha inundava-lhe o coração e não a deixava pensar com clareza.

Vera tinha deixado a sua posição muito clara: era menor de idade e não podia sair de casa sem autorização dos pais. Se o fizesse, obrigá-la-ia a regressar. Envergonhá-la-ia. Faria o que fosse necessário para lhe tirar essa ideia da cabeça.

O que fosse necessário!

E o pai parecia ter baixado os braços.

Até que ela compreendeu que de forma alguma um sonho como aquele podia ser em vão. Tinha de arriscar. E preparou-se para o fazer. Embora as aulas na escola de arte só começassem em setembro, Sophie decidiu partir imediatamente após terminar o curso na escola secundária para se poder estabelecer em Los Angeles com calma e entrar em contacto com os estúdios de animação. Estava disposta a tudo para tornar o seu sonho realidade. Talvez não conseguisse de imediato um emprego nuns estúdios, mas tinha duas mãos e, se fosse preciso, podia utilizá-las para lavar pratos e servir às mesas.

Comprou um bilhete só de ida com destino a Los Angeles. No dia da sua partida saiu de casa em silêncio, sem se despedir, como uma fugitiva. Ainda era muito cedo; os raios de sol mais madrugadores mal

começavam a lambear as ruas da cidade quando abandonou a única casa que tinha conhecido.

Chegou à Grand Central Station com muita antecedência.

Nervosa.

Tinha estado a vaguear pela cidade com a mala numa mão e o portefólio com os seus trabalhos debaixo do outro braço. Finalmente, cansada, dirigiu-se à estação, que, apesar da hora, já fervilhava de gente que andava de um lado para o outro, em todas as direções.

Passou ao pé do balcão de informações. Admirou, mais uma vez, o teto azul com as constelações celestes pintadas em traços dourados. Despediu-se em silêncio dos enormes lustres luminosos, das galerias situadas por cima do vestíbulo principal, do chão de mármore que brilhava sempre impoluto apesar dos milhares e milhares de pés que o pisavam a cada momento.

Não sabia quando voltaria a Nova Iorque. Àquela estação. A casa. Nem sequer sabia se voltaria.

E então sentiu a pressão de uma mão sobre o ombro e pensou que o seu sonho acabaria antes de começar. Virou-se pouco a pouco, com o coração a bater desenfreadamente. E viu o rosto sorridente do pai.

Sentaram-se numa das cafetarias da estação. Deram as mãos em frente de duas chávenas de café. Joseph entregou a Sophie um envelope com dinheiro.

– Pai, não posso aceitá-lo... vocês...

Ele não a deixou terminar.

– Pega nele. E não te preocupes. Já sabes que tivemos de vender alguns objetos valiosos para ter liquidez. É pouco dinheiro, mas é teu. Vais precisar dele, acredita.

Sophie guardou o envelope na mala. As suas mãos tremiam de emoção enquanto o fazia.

– Mas a mãe... Se ela soubesse...

– Não penses mais nela. A tua mãe é muito previsível. Eu trato do assunto. Vou fazer com que compreenda que é melhor que estejas em Los Angeles a estudar e à procura do teu caminho do que obrigar-te a voltar à força e armar um escândalo. Vou falar-lhe das grandes famílias

que levam os filhos para o Chouinard. Vais ver, dentro de um mês estará a contar aos amigos que tem uma filha artista com uma bolsa no melhor instituto de arte da América.

– Mas não lhes vai dizer que a filha quer trabalhar nuns estúdios de animação.

Riram-se. Cúmplices, como sempre.

– Sabes o que tens de fazer ao chegar?

– Primeiro tenho de me apresentar no instituto e de procurar um sítio simples para viver durante as primeiras semanas, até encontrar trabalho. Já lhe disse que tenho uma carta de recomendação do Bob Waldman, o meu professor. Ele conhece pessoalmente um animador que trabalha nos Walt Disney Studios. Tenho de ir ter com ele e de lhe mostrar os meus desenhos. Acho que, como vou com uma recomendação, será tudo mais fácil. É possível que me aceitem para trabalhar em *part-time*. O professor Waldman comentou-me que o Walt Disney gosta muito dos estudantes do Art Institute. – Sophie inclinou-se na cadeira e suspirou a sonhar. – Pai, esta bolsa é uma das melhores coisas que me aconteceram na vida. E trabalhar na Disney seria um sonho tornado realidade. Se a mãe conseguisse entender...

– Vais consegui-lo.

Pai e filha sentiram-se unidos pelo silêncio que se seguiu àquelas palavras de ânimo. Joseph olhou para Sophie com uma intensidade estranha; com uma mistura de saudade pela separação iminente e orgulho. Ela pareceu virar-se para dentro. Como se procurasse no seu interior todos os instantes felizes vividos com o pai que guardava no coração. Sobretudo a lembrança daquela tarde mágica em que a levou ao cinema e pôde ver pela primeira vez desenhos em movimento.

– Está a ficar tarde. Tenho de dar algumas consultas – disse Joseph com um olhar terno, mas cansado.

Levantaram-se os dois e fundiram-se num intenso abraço.

– Não deixes de ser tu própria, minha menina. Aconteça o que acontecer, sê tu própria e não renunciés aos teus sonhos.

A voz de Joseph era pouco mais do que um sussurro que acariciava a orelha da filha. Com pesar, separou-se dela e começou a caminhar

para o grande vestibulo. Sophie sentiu um grande peso no peito, mas fez um esforço para endireitar as costas e respirou fundo. Agora não seria covarde. Não seria.

Seria uma filha digna do seu pai.